

Correspondência com Stefano Harney e Fred Moten

STEFANO HARNEY, FRED MOTEN E MPA

Texto publicado originalmente como “Letters with Stefano Harney and Fred Moten”, em *The Interview*, 2016

Queridos S/F,

Escrebas de *The Undercommons: Fugitive Planning & Black Study*,

Em um projeto que se preocupa com o comportamento do mythos energético que conduz o comportamento militarizado e colonizador, eu convido a sua teoria, empréstimos referenciais, perguntas, metáforas, e descrenças em educar e somo a esse tema por se aparentar, o processo da colonização humana de Marte.

O propósito dessa correspondência é entrevistar vocês e acessar sua escrita em *The Undercommons: Fugitive Planning & Black Study*, em particular o vocabulário de EMBARCADAS¹, CONTIDAS e HAPTICALIDADE, já que se relacionam a temas interconectados a Marte. Farei o meu melhor para brevemente instalar a cena, como a entendo, neste momento em que Marte atua o papel principal em inúmeras jornadas.

Nesse teatro, que é muito, muito, muito real... eu ofereço essa ajuda visual como PNT² pela qual nossa correspondência pode começar e à qual pode retornar:



1 N.T.: Em inglês a palavra utilizada é *shipped*, que pode ser traduzida por embarcadas, enviadas, despachadas, expedidas. Ao longo do texto utiliza-se também a polivalência da palavra *ship* que pode se referir tanto a um navio quanto a uma espaçonave.

2 N.T.: PNT é a sigla inglesa para *Positioning, Navigation, and Timing* (posicionamento, navegação, cronometragem e sincronização), um sistema de georreferenciamento atualmente restrito ao uso militar.

Esse é um retrato do planeta Marte encontrado em uma propriedade abandonada de um colono no 29 Palms, Califórnia.

Primeiro plano: Marte
 Segundo plano: “O Oeste”
 Segundo plano do segundo plano: 29 Palms U.S. Marine Military Base e “Little Baghdad”, cidade-base de treinamento.

* Onde vocês imaginam que podem estar os SUBCOMUNS nessa imagem?

Fred Moten e Stefano Harney: Nós falamos em *subcomum* como uma relação mais do que um lugar; agora, talvez pudéssemos falar como força, atividade recursiva e recessiva. Então, a pergunta é: como tudo isso pode estar em ou pode infundir uma imagem? Mas por que gostaríamos de imaginar que *subcomuns* estivessem nessa imagem? Mesmo se queremos dizer que *subcomuns* estão em todos os lugares, provavelmente não podem e não deveriam estar, assim, em todos os lugares. Talvez o lance bacana dessa imagem, talvez em relação a imagens em geral, é que, se você se demora, vê em dobro, interagindo com um desfoque irreduzível que, de todo jeito, já está ali de modo que te solicita certas suposições relativas à (relação entre) ontologia e representação. Então, talvez *subcomuns* estejam nessa tremedeira como vestígio de um ímpeto, de modo a estar ali somente desde que não esteja ali, ali somente enquanto se está em outro lugar, em todo lugar, como *Savoir Faire*³. Ou, de modo mais simples, *subcomuns* são o lá fora que está lá como um ritmo de estudo social. Com quem vocês têm andado e como vocês todas têm pensado

3 N.T.: “*Savoir faire*” do francês, literalmente saber fazer, que alude ao conhecimento prático.

tão audaciosamente? Há um artista, Emo de Medeiros, que vem do Benin. Ele fala do que chama de “contextura”. Ele quer dizer, juntar texturas. Seu trabalho treme, desfoca, porque a textura é uma relação estranha. É um termo técnico na música e, ao mesmo tempo, popularmente falando, a textura é alguma coisa que é entendida como alguma coisa que se sente, ou é talvez provada, sentida com a língua. Mas a textura, inclusive a textura dessa imagem, nos relembra que todo toque é também um ritmo, um ritmo que produz textura e que é produzido por ela. E isso nos traz de volta à música, mas não até o fim, por que nos coloca a pergunta sobre qual sentido percebe o ritmo? Não os ouvidos. Estes o processam. Mas como isso chega aos nossos corpos? Como, em outras palavras, uma representação é *transformada* no ôntico em nós? A prática, a virtuosidade, desse *trans* é a hapticalidade⁴, dada sobretudo àquelas sobre quem mãos foram colocadas, e permanecem colocadas, no ritmo. Isso fica evidente, você sente, nas esculturas e filmes de Medeiros.

A *Mars One*, cuja sede está na Holanda, é uma fundação sem fins lucrativos que está preparando oito participantes selecionadas por um processo de chamada aberta para serem enviadas a Marte em 2026. A passagem é somente de ida e a jornada para o planeta vermelho levará sete meses. Espera-se que as participantes estabeleçam a primeira biosfera humanamente habitável em Marte. Essa proposta

4 N.T: O termo inglês “*Hapticality*”, em português “hapticalidade”, é uma noção recorrente no pensamento de Moten e Harney. Ver HARNEY, Stefano & MOTEN, Fred. *The Undercommons: Black Study and Fugitive Planning*, Minor Compositions, (2013); capítulo “Hapticality, or Love”, pp. 97-99. “A hapticalidade, o toque dos subcomuns, a interioridade do sentido, o sentido de que o que está por vir está aqui. Hapticalidade, a capacidade de sentir por meio das outras, das outras sentirem por meio de você, de você senti-las sentindo você, esse sentir das enviadas como carga não é regulado, pelo menos não com sucesso, por um estado, uma religião, um povo, um império, um pedaço de terra, um totem”.

vence as propostas dos EUA, da Rússia, da União Europeia, de aterrissar humanas em Marte (a mais avançada dessas propostas seria a da Nasa para 2030). A *Mars One* planeja financiar esse empreendimento televisionando todo o evento; nisso, o dinheiro dos anúncios e negócios com a indústria espacial privada pagará pelos indeterminados mantimentos necessários para sustentar a vida dessas participantes humanas.

Durante uma visita à NASA, em Houston, nesse ano, fiquei sabendo que há vários artefatos e equipamentos pagos por investidores privados que a NASA testará regularmente em viagens espaciais programadas. Um exemplo é a “suíte de lua de mel”, criada pelos “proprietários do Motel 6”, que ofereceria pagar a clientes a passarem uma noite ao redor da terra em uma bolha espacial. A NASA não fabricou o objeto, mas concordou em levar a bolha ao espaço e em testá-la. (“Os proprietários de Motel 6” é como o guia do laboratório descreveu os patrocinadores do projeto. O *Blackstone Group*, uma das maiores firmas privadas de investimentos em *equity*⁵, adquiriu a rede *Motel 6* em 2012). Após o fim do programa da *space shuttle* da Nasa, a Boeing e a SpaceX, uma fabricante de aeronaves espaciais, ganharam a licitação dos serviços comerciais de reabastecimento para levar carga e astronautas para a Estação Espacial Internacional (EES). Operando em conformidade às regulamentações da NASA, essas entidades privadas agora têm a oportunidade de vender passagens para o espaço a clientes pagantes.

A linguagem da conquista satura as descrições oficiais da *Mars One* e da NASA. Enquanto a NASA recebe

5 N.T.: “*Equity*” em inglês se refere ao excedente do ativo sobre o passivo, ou seja, o patrimônio líquido de uma empresa. O capital social acrescido do excedente numa Sociedade Anônima. Referência: <https://www.pucsp.br/~acomim/economies/glosglob.html> (acesso em 18 De agosto de 2023).

financiamento por meio do governo dos EUA, ambas possuem relações de financiamento com indústrias de tecnologia espacial (notadamente, da Boeing e da Space X no caso da NASA). A natureza do financiamento da *Mars One* é difusa, listando em seu website a maioria de seus financiadores como “fornecedores em potencial”. Contudo, a fundação reivindica a Paragon Space Development (uma provedora de controle ambiental) e a Lockheed Martin (uma companhia global do setor aeroespacial e de defesa) como parceiras comprometidas.

* Será que os “(aero)navios” [*ships*] que irão para Marte poderiam se portar de outra maneira que não fosse colonizadora? Se consideramos que os autores que representam esses empreendimentos ecoam aqueles que reportavam dos navios colonizadores [*colonizing ships*] enviados da Europa para as Américas, África, Índia e Sudeste Asiático em séculos-da-Terra anteriores, e nos quais muitos estão se associando a corporações industrialistas espaciais; será que esses espaço-navios só podem exportar o explorador conquistador? Subcomuns passam por esses espaço-navios? Uma grande pergunta: qual é o status das participantes da missão de 2026 da *Mars One*? Elas são as “embarcadas” – para usar a terminologia de *The Undercommons* – neste cenário neoliberal? Ou, será que como participantes “dispostas”, elas cumprem o dever de fazer a dublagem do capital humano contido de modo a atender sistemas de crédito?

Fred e Stefano: Essa é uma pergunta para os Isley Brothers – quando haverá uma colheita para o mundo? Não, elas não são as embarcadas. E, de todo jeito, quem assistirá à televisão em 2026? Há muito sobre jornadas fora do padrão que poderemos trabalhar de hoje até 2026.

Se certas pessoas forem a Marte e ficarem, isso será legal para nós, mas ruim para Marte. Quem somos nós para expulsá-las? Quem são elas para partir? E há também um monte de outras perguntas entre agora e 2026. É uma coisa capciosa essa de ser colocado na posição de fornecer conteúdo. Nós não temos a menor ideia sobre muita merda. Saber merda nenhuma sobre merda nenhuma é uma sedutora ilusão que o entrelaçamento livresco proporciona. A merda de verdade está em algumas reuniões e algumas danças. Nesse sentido, a aplicabilidade do livro é musical. A margem entre se nós deveríamos ou nunca deveríamos ter escrito *The Undercommons* é imensuravelmente pequena, mesmo que seja infinitamente maior do que a margem entre os que pensam que podem e devem e os que pensam que podem e não deveriam ir para Marte. Como podemos visitar outro planeta sem colonizá-lo quando não podemos sequer escrever um livro sem colonizar? Por outro lado, o que podemos fazer? Vamos para o The Cork⁶ ou, ao invés disso, para Atlantis. Relembre-se que Lee Scratch Perry construiu a Black Ark e a queimou. Porque onde quer que se vá, não será onde deveríamos estar. É a diferença entre Noah e Black Noah ou Moses e Isaac Hayes. É êxodo sem povoamento, fuga sem simulação, repouso sem sono. Ou é *The Rockford Files* – por um lado, não há para onde se ir, exceto voltar ao trailer para esperar por problemas, porque só porque os problemas não te encontram, não significa que apenas passarão ao seu lado; por outro lado, você ainda pode ir pescar, embora sempre precise encontrar outro píer.

* Com altos investimentos sendo aplicados para assegurar a futura vida humana no planeta vermelho, Marte está marcado como um plano de fuga caso a Terra deixe de ser habitável. Como vocês imaginam o FIM? Será que “nós”

6 N.T.: The Cork é um famoso bar negro de Los Angeles.

podemos – um “nós” humano temporário – ser mais do que um roteiro da evolução da colonização humana da Terra e entre terráqueas? Eu estou pensando em como a descrição de vocês de negridade e governança pode se relacionar com essa pergunta: “Enquanto isso, negridade significa tornar irresponsável a pergunta sobre como governar a coisa que se perde e encontra a si mesma a ser o que ela não é?” E, também, a noção de vocês de logística e de algoritmo ganancioso: “Ler a logística é ler do desejo declarado de se livrar do que a logística chama de ‘agente controlador’, de libertar o fluxo de bens do ‘tempo humano’ e do ‘erro humano’”. Há alguma porta de saída dessa cena terminal?

Fred e Stefano: Nós é mais do que isso; a saída está em todos os lugares, como um projeto subcomum. Entretanto, provavelmente deveríamos fazer tantas perguntas sobre eles e o que eles fazem; assim na terra como no céu. Sabemos o que somos? Tentamos, na esquiva do cálculo desse excesso que eles por vezes administram. Nós não (temos) saber como nós e eles irão lidar com isso⁷. A gente tinha o hábito de beber com uma cara em Londres. Ele era de County Clare, na Irlanda, e vinha trabalhar em Londres de metrô. Ele às vezes levava um cachorrinho com ele. Era o cachorro de sua mulher, mas ela havia morrido. Ele tomava uma *pint*. Ele brincava dizendo que nosso amigo Ger era de Dublin e que, portanto, tínhamos de ficar de olho nele. E ele então ia embora. Mas ele retornava em mais ou menos uma hora, com ou sem o cachorro. Ele tomava uma *pint*, nos dizia para ficar de olho no Ger e ia-se. Isso podia durar toda a noite. Ele estava somente praticando a saída. Nós gostamos de acreditar que ele estava fora, na arca de Lee Perry, só zoando, quando ele ficava com sede novamente.

7 N.T.: No texto em inglês: “*We no know how we and dem a-go work this out*”.

* Em alinhamento à noção de vocês de hapticalidade – “a interioridade do sentimento, do sentir que aquilo que vem já está aqui” – qual é a ação possível da espiritualidade em *The Undercommons*?

Fred e Stefano: Nós estivemos e estamos envolvidos, sempre e em todos os lugares, com a carne animada.

Discutir a futura, e a possível futura vida humana em Marte, requer um ato extensivo de projeção. James Hillman nos oferece que é o coração quem pensa, e que esse músculo pensa com imagens, enquanto a mente processa as imagens do coração pensante. Nessa proposta de aterrizar humanas em Marte, tantas projeções ocorrem, projeções que dobradas com ciência e fatos ocidentais canonizados são processados em planos. Eu estou alcançando profundamente o(s) mito(s) que conduzem os corações humanos a padrões colonizadores/colonizados. Antes do debate do que é fato e do que é ficção, eu pergunto quem autora o debate? As histórias em que acreditamos e as histórias que contamos e as histórias que nos são contadas. Isso é política, não? Quando vocês escrevem “nós temos a política *surrounded*”, eu sinto um contorno ao redor do meu coração. Minha mente pensa que é a inclusão do “nós” combinado com o conceito de “*surround*”⁸ que dispara o sentimento. Esse “*surround*” não é 1. Mas o, o buraco, que é um. icidade⁹.

8 N.T.: O verbo inglês “*to surround*” pode ser traduzido ao português como “cercar”, “rodear”, “envolver”. Para uma compreensão mais pormenorizada da maneira com Fred Moten e Stefano Harney movem a noção de “*surround*”, ver MOTEN, Fred & HARNEY, Stefano. *The Undercommons: Fugitive Planning and Black Study*, Autonomia / Minor Compositions (2014), capítulo 1, “Politics Surrounded”, pp. 17-20

9 N.T.: No texto em inglês “*one.ness*.” O sufixo inglês “*ness*” é utilizado para determinar uma propriedade, condição, estado, qualidade. Por exemplo, “*oness*” como sendo a qualidade do estado do “um”, unidade, unicidade. Harney e Moten brincam aqui com a quebra do ponto separando “one”. e “*ness*” (“um” un e “icidade”).

1, a mensuração inicial e o início da divisão. A conta que se torna “Eu”. 1 que é politicamente, liberalmente, promovido como unicidade. 1 é a ficção do 0. Embora, juntos eles formam um debate cativante, sim?

11 0 1 00001 0 100001 0 0 01111 00000001 0 1 1 1 1 1 0 0 01 0 10010101
01 11110 0 1 1 1 0 0 0 1 010

Eu leio vocês como se escrevessem sobre a possibilidade de que o energético seja parte desse em-torno [*surround*]. Nesse caso, será que a potência astrológica de Marte de legislar sobre a guerra e a revolução teria algum significado em um debate sobre construir a (próxima) colônia humana em Marte? Deveriam os relatos de inúmeras jornalistas investigativas sobre OVNI – artefactos de pedra na superfície de Marte que se referem a civilizações passadas ou as inexplicáveis sombras de supostas naves espaciais documentadas por satélites russos e estadunidenses na órbita de Marte – ser convidadas para o debate? As vozes das tradições Dogon, Hopi e Inca estão novamente não sendo convidadas, novamente, à cúpula mundial sobre dívida e comércio espacial?

* Não estou segura se vocês podem responder a essas últimas observações, no entanto, me parece que o que está “lá” está “aqui”. Empregando as análises metafóricas, imaginativas e reais que vocês fazem, como o “nós temos a política *surrounded*” se relaciona quando estamos falando sobre o espaço literal do universo? Como o “*surround*” e a política, nessa questão, se comportam assim como na Terra e onde deveria haver mais desconhecimento, oportunidades fugitivas no espaço?

Fred e Stefano: A política não é uma matéria ou preocupação universal. E a saída *subcomum* não é nunca política. A dupla negação é o nosso recesso antepolítico. Tudo aquilo que nós estávamos pensando estava predicado na noção de que em nossa ubiquidade nós não temos de estar em todos os lugares ou ligar para tudo. Uma cosmologia de *subcomuns*, se não for a coisa mais besta jamais imaginada, começaria, provavelmente, por pensar fortemente a contrapelo de um conjunto de pressuposições relativas à separabilidade da Terra e do espaço ou sobre a própria ideia de corpos no espaço para que pudéssemos pensar sobre o que é ser arrebatada em um sentimento gravitacional muito mais ordinário.

P.S. há algo de que eu sinto falta na mudança dessa troca, das conversas presenciais para correspondências: a falta de interrupções na conversa possivelmente distraindo a viagem por GPS... em direção a Marte.

Eu gostaria de perguntar algo a ambos. postscript. e se o momento da resposta de vocês estiver dentro do prazo para impressão, na lápide, é menos preocupante, assim como os pensamentos de vocês, quando e como eles podem chegar. Colocando de lado o livro de vocês de 2011 (mas sem esquecê-lo), eu quero perguntar uma coisa.

O que vocês sentem em relação a des-cobrir [uncover]?

Fred e Stefano:

ooo,

MPA

Uma edição Elemental e Matéria Crítica Apoio Kunsthochschule für Medien Köln
Tradução Arnílcar Packer Revisão Hílário M. S. Zeferino e Vinícius da Silva
Design Diego Cruz



Apoio



Realização



MINISTÉRIO DA
CULTURA



Este caderno foi produzido pelo programa
"Matéria Crítica para Massa Crítica", para CASA-ESCOLA,
projeto pedagógico da Casa do Povo, em 2023.

